

'Me chamaram para esse jogo do centro'

Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul, se vê como construtor de um projeto de centro ao lado de Huck e Doria

Por César Felício, Malu Delgado e Marta Watanabe — De São Paulo

03/12/2019 05h01 · Atualizado há um dia



Governador diz que não disputará reeleição, admite o desgaste político ao enfrentar a dramática situação fiscal do Estado, e prega diálogo com adversários — Foto: Claudio Belli / Valor

Nascido cinco dias antes do fim do regime militar, em março de 1985, o governador

Presidência em 2022. O ex-prefeito de Pelotas (RS), contudo, enfrenta dramática situação fiscal no Estado, para a qual propôs privatizações e um duro pacote de reformas previdenciária e administrativa, com impacto projetado de R\$ 25 bilhões em dez anos. No plano local, aplainou caminho na Assembleia Legislativa com a garantia de que não disputará a reeleição e com diálogo permanente com sindicatos e oposição.

É um espírito que ele indica que gostaria de ver transposto para o PSDB em nível nacional. Ele cita que o partido em 2006 perdeu uma eleição por se apresentar mais à esquerda do que era, e que agora não pode correr o risco de aparecer mais à direita do que verdadeiramente é. E adverte: “Hoje o mais fácil é ser radical para qualquer um dos lados, e coragem mesmo precisa ter quem tem ousadia de ser moderado”. A seguir, trechos da entrevista ao **Valor**.

Projeto de centro deve ser construído em conjunto com Doria e Huck, diz Eduardo Leite

Valor: *Como é a reforma previdenciária gaúcha?*

Leite: Ela passa pela questão de alíquota e de base de cálculo. A alíquota no Rio Grande do Sul já é de 14%. Estamos também colocando alíquotas progressivas, fazendo com que quem estiver no teto de R\$ 35 mil, salário de desembargador, fique com alíquota efetiva de 16,79%, que é a do servidor federal que, entendemos, prosperará como alíquota efetiva máxima. Também estamos propondo que a base de cálculo de contribuição dos aposentados seja a partir de um salário mínimo e não a partir de R\$ 5,8 mil. Temos cerca de 170 mil servidores aposentados, dos quais 110 mil ganham menos do que o teto do INSS. Portanto, não estão contribuindo com a previdência e serão chamados a contribuir em 14% sobre o que recebam acima de um mínimo. E todos os que contribuem acima do teto do INSS irão contribuir mais. Atualmente há faixa de isenção de R\$ 5,8 mil e agora essa faixa irá pagar sobre o que excede o salário mínimo.

Valor: *E por que o senhor acha que isso passa na Assembleia Legislativa?*

Leite: O Rio Grande do Sul tem o maior déficit previdenciário do Brasil. É um Estado com longevidade maior, taxa de natalidade menor, perfil demográfico da população bastante diferente e ainda tem uma característica de ter universalizado os serviços públicos antes de outros Estados. Conseqüentemente, temos uma estrutura de serviço público enorme e especialmente de aposentados. Só para dar um exemplo: nós temos 100 mil professores aposentados para cada 50 mil [profissionais] em sala de aula. Temos dois aposentados para cada um na ativa. Eu tenho 35 mil policiais militares aposentados e pensionistas para cada 16 mil policiais militares em atividade. A razão de dependência de aposentados e servidores em atividade faz com que o Estado tenha uma despesa enorme com os servidores aposentados e o maior déficit do Brasil proporcionalmente à sua população. O déficit previdenciário do Estado de São Paulo é de R\$ 20 bilhões, o do Rio Grande do Sul é de R\$ 12

Valor: *Como é que vai se viabilizar aprovar isso na Assembleia?*

Leite: Porque hoje já há um sacrifício, que é o salário atrasado para os servidores há quatro anos, nenhuma perspectiva de reajuste ou de recomposições salariais. O Estado não consegue ter disponibilidade orçamentária pra investir, a taxa de investimento sobre PIB é de 0,3%. O Estado já não pode mais captar porque sua dívida consolidada líquida em relação à receita corrente líquida já atinge 223%. O limite para contrair financiamentos é de 200%. E ainda está com alíquotas majoradas de ICMS no combustível, energia e telecomunicações. Alíquotas que eram de 25% estão todas ao redor de 30%, e a alíquota básica de ICMS que era de 17% está em 18%. E mesmo assim não consegue pagar salários em dia. Uma liminar nos tirou a condição de pagar a dívida de R\$ 3,6 bilhões por ano com a União. Temos uma liminar que suspendeu o pagamento dos precatórios no formato em que o Tribunal de Justiça determina, que é esgotar o estoque de precatórios até 2024. Então não pagamos a dívida com a União, não estamos pagando precatórios como deveríamos, temos alíquotas aumentadas de ICMS e mesmo assim não pagamos os servidores na data correta. Não existem soluções simpáticas para uma situação dramática como essa.

Valor: *Na vida real da política como é sua base e articulação para aprovar esse pacote?*

Leite: No início do ano colocamos foco em retirar a exigência de plebiscito para a venda de estatais e buscar autorização para a venda dessas empresas. Conseguimos fazer isso com 40 votos dos 55 deputados. Há um tempo se dizia que no Rio Grande do Sul seria impossível remover esse empecilho da constituição estadual. E agora no segundo semestre nos dedicamos a essa pauta que é conter as despesas. [O pacote tem] uma proposta de emenda constitucional, seis projetos de lei complementar e um projeto de lei ordinária.

“

Quero ajudar a construir uma alternativa de centro onde eu consiga me enxergar, com foco em gestão eficiente”

Valor: *Quais foram as autorizações para privatizações?*

Leite: Foram três. Companhia de energia elétrica, companhia de distribuição de gás e uma companhia mineradora. O Banrisul e a companhia de saneamento o Estado não têm plano de venda. A energia que seria consumida na discussão política sobre a venda dessas duas estatais nós preferimos canalizar para a discussão sobre o que causa o déficit. Independentemente de decisão governamental, a folha de pagamentos cresce, por conta de uma série de benefícios e vantagens conferidos em planos de carreira antigos. Um grande exemplo são os triênios. A cada três anos 5% de aumento. O que já foi resolvido no governo federal no fim da década de 90. Ou seja, é um carro com motor desligado e gastando combustível.

Valor: *Como conduz a relação com parlamentares e sindicatos?*

Leite: Logo que assumi o governo, nós chamamos cada um dos sindicatos e apresentamos para eles os projetos antes de mandar para a Assembleia. Abrimos espaço para que eles fizessem suas contestações, críticas e sugestões. Muita coisa foi incorporada. Buscamos atender algumas demanda apresentadas, ouvimos muito, apresentamos projetos e continuamos ouvindo. Fizemos todas as conversas com sindicatos. Com a Assembleia Legislativa nós trabalhamos para ter uma base consciente da responsabilidade do presente momento, também apresentamos para eles antes de protocolar. Mantemos diálogo com uma base forte: dos 17 partidos na Assembleia 13 estão na base do governo, e um tem alinhamento ideológico, mas não está na base, que é o Novo. Então são 14, e apenas três partidos na oposição.

Valor: *Quais são? Como se relaciona com os opositoristas?*

Leite: PDT, PT e Psol. Tenho boa relação, republicana. Tenho um jeito diferente de fazer política, mas a política é a arte de, respeitadas as diferenças, conseguirmos conviver. Na minha visão, política é ferramenta de convivência em ambiente democrático. Ao fazer o confronto político, quem paga o preço não sou eu, é a sociedade que paga, pela falta de avanços. São 55 deputados. Nós temos nos 13 partidos 40 deputados, mais os dois do Novo. Então são 42 e 13 da oposição. Assim que eu ganhei a eleição eu visitei cada uma das bancadas, inclusive as da oposição.

Valor: *O senhor sempre faz isso quando ganha uma eleição?*

na sociedade a noção de que não se pode fazer política fazendo coalizão, que isso é ruim. Quando eu assumi como prefeito, eu tinha esta leitura mais simplista de que teria que fazer as mudanças enfrentando o Legislativo. Logo aprendi que a gente precisa compor. Isso criou muitas dificuldades no início do mandato de prefeito, mas nós conseguimos superar isso e terminei meu mandato com 87% de aprovação. Para governador, fiquei com 90% [dos votos] na cidade em que fui prefeito, Pelotas. As grandes mudanças do Estado passam pela Assembleia. Eu sou um proponente da agenda, quem toma a decisão é a Assembleia Legislativa. Não adianta eu ter a melhor agenda se ela não encontrar eco, respaldo de apoio popular. Por isso que me ocupei a chamar cada deputado individualmente em meu gabinete. O deputado da oposição foi eleito por uma parcela da sociedade que eu governo também.

Valor: *E o seu diálogo com Brasília, como está?*

Leite: Eu tenho menos contato com o presidente. Tenho uma relação respeitosa, republicana, não tivemos muitos encontros. Diretamente é mais com a equipe econômica, com o ministro Paulo Guedes e também com o ministro Tarcísio Freitas, da Infraestrutura. Estas duas áreas naturalmente a gente se relaciona mais. Nossa agenda é semelhante, Guedes e Tarcísio são grandes ministros.

Valor: *O senhor representa uma nova geração no PSDB. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso disse que o senhor representa de fato a renovação política. Como vê essa nova geração da política dentro do seu próprio partido?*

Leite: Fernando Henrique sempre foi uma referência e se transformou em um bom conselheiro, com quem tenho a oportunidade de conversar em algumas ocasiões. Sempre tenho dito que ninguém é melhor por ser jovem, mas também não aceito que me coloquem como pior por ser jovem. Sempre que tive que enfrentar um processo eleitoral a acusação eventual é de falta de experiência. Experiência vem da experimentação, e não de soprar velinhas. Fui vereador, presidente da Câmara, prefeito e agora sou governador, em situação de especial dificuldade. Quero dar minha colaboração, não tenho a expectativa ou o anseio do protagonismo. Quero ajudar um centro democrático para o Brasil, que tenha a visão de uma economia moderna e ao mesmo tempo respeito a direitos individuais e minorias.

Valor: *Os mesmos elogios feitos ao senhor por Fernando Henrique são feitos por pessoas que também trabalham pelo nome de Luciano Huck. É possível uma conversa?*

Leite: Estou mais preocupado em resolver o Rio Grande do Sul, que não é pouca coisa. Olho o meu futuro político com a compreensão de que a situação fiscal do Rio Grande do Sul é um grande obstáculo a qualquer aspiração futura. Também não posso desprezar que ser governador da sexta população nacional e a quarta economia do País evidentemente me coloca numa posição política para participar deste debate sobre as futuras eleições nacionais. Quero ajudar a construir uma alternativa de centro onde eu consiga me enxergar. Uma opção com foco em gestão eficiente, que tenha ferramentas de execução de políticas públicas mais ágeis, mas que ao mesmo tempo não despreze a importância de políticas de inserção social. O Estado tem um papel no Brasil. Acho que o Huck tem demonstrado interesse, vontade de aprender, conversar com as pessoas. É claro, tem o ponto que ele não tem experiência política. É um ponto a ser observado. Será suficiente o interesse e a disposição dele?

Valor: *Será suficiente?*

Leite: Se ele se cercar das pessoas corretas pode ser sim. O governador João Doria também é opção qualificada. Saiu da iniciativa privada, foi prefeito, não concluiu o mandato, foi buscar ser governador, foi eleito, terá ao final um mandato quase completo. Naturalmente o governador de São Paulo é um presidenciável, ainda mais com as características do Doria. Precisamos falar menos em nomes e mais em projetos para um centro democrático. Eu defendo que Huck, que Doria, que eu, possamos participar desta discussão, construir um projeto e ver quem lá na frente é que melhor pode representar do ponto de vista eleitoral a condução desse projeto.

Valor: *Então o senhor se coloca no jogo, junto com Huck e Doria?*

Leite: Estão me chamando para este jogo, ora bolas! A minha disposição não é de candidatura, não pretendo concorrer na próxima eleição, mas quero colaborar.

Valor: *O senhor não pretende concorrer à Presidência?*

Leite: Não pretendo concorrer à reeleição como governador. No nosso sistema político fragmentado, o candidato à reeleição sabe que precisa de apoios políticos. Você precisa de apoio político, tempo de TV, estrutura, recursos. Quem vai para uma reeleição faz toda esta articulação dentro do gabinete do governo. Acho que isto precariza do ponto de vista técnico um governo em nome do processo eleitoral, acho que isso causa um problema grave. Então eu já declarei que não sou candidato à reeleição e também tem mais um motivo: no Rio Grande do Sul eu não quero que a preocupação dos deputados estaduais seja com o próximo processo eleitoral de governador. Precisamos do apoio de grandes bancadas que têm legítima aspiração de protagonismo em 2022, é o caso do MDB, do PP... Só aí são 14 deputados. Quero deixar claro para estes partidos e para outros que me apoiam nas medidas necessárias para o Estado que não precisam colocar qualquer receio em relação ao próximo processo eleitoral porque não lhes será tirado o protagonismo. Para que se coloque todo o foco das reformas. Estas reformas geram benefícios políticos lá na frente e para mim poucos benefícios, mas, enfim, alguém tem que fazer. Tenho em benefício a idade, vou terminar o mandato com 37 anos, tenho tempo.

“

Não pagamos a dívida com a União, não pagamos servidores... Não há soluções simpáticas para essa situação”

Valor: *Quando o senhor fala em opções como Doria, Huck e o senhor convergirem para um projeto, isto já está em curso? As conversas estão acontecendo?*

Leite: Fernando Henrique me apresentou a Luciano Huck, ele fez a ponte. Dali fomos estabelecendo uma relação de respeito, de amizade até. Como também tenho conversado com o governador Doria, com respeito. Simplesmente entendo que não haverá espaço para a fragmentação do centro na próxima eleição. Pelo que estamos observando do momento político, o governo terá de 25% a 30% dos votos, e de outro lado a oposição a este governo, sobretudo representada pelo PT, também terá um eleitorado importante. Se houver uma fragmentação do centro, vai haver pouco espaço para surgirem alternativas, e, neste caso, o segundo turno possivelmente não terá representação do centro.

Valor: *Parece difícil Doria abrir mão de uma eventual candidatura olhando o*

Leite: Tem muita coisa para acontecer até 2022. As circunstâncias podem mudar sensivelmente. O foco agora tem que ser no governo.

Valor: *A sociedade parece preocupada com o radicalismo.*

Leite: Hoje o mais fácil é ser radical para qualquer um dos lados. Coragem mesmo precisa ter quem tem a ousadia de ser moderado. A moderação não rende likes e nem compartilhamentos.

Valor: *Neste sentido o governador Doria tem se posicionado em redes sociais de maneira diferente da que o senhor apregoa.*

Leite: Cada um de nós tem o seu estilo de fazer política.

Valor: *O senhor se enxerga no projeto do Doria?*

Leite: Não sei. Não sei qual vai ser o projeto. Vejo Doria com uma equipe muito competente ao lado dele. Há alguns pontos que me geram algumas preocupações, para quem tem uma aspiração nacional e sendo governador de São Paulo, deve-se guardar lealdade com os demais Estados da Federação. Algumas questões de incentivos fiscais não guardam esta lealdade. São Paulo tem um porte de população e economia que são naturalmente um fator de atração de investimentos. Se ele avança na guerra fiscal, isto desequilibra o jogo regional.

Valor: *Em que pontos, especificamente, isso ocorreu?*

Leite: Agora teve a questão do calçado, que para nós é muito importante. O centro tem que ter um projeto e depois de ter este projeto identificar quem é que tem condição de representá-lo. Doria é uma opção qualificada. Huck pode ser uma opção também. Tem que ser discutido lá na frente. Certamente não há opção tomada. Estará em 2022 a população neste nível de radicalismo que vemos hoje? Não sei. Não tenho esta convicção. Pode haver um cansaço desta radicalização política e uma busca por algo com mais sobriedade. Eu tenho um projeto, estou conduzindo reformas profundas no Rio Grande do Sul, fazendo privatizações, e nem por isso digo que quem não pensa como eu é um canalha ou desonesto, ou mal

Valor: *O senhor vê o risco de uma escalada autoritária?*

Leite: Acho que houve manifestações infelizes que encontram eco na sociedade. Vale aquele ditado: o preço da democracia é a eterna vigilância. A grande ameaça à democracia é a frustração das expectativas da população. O risco não é desprezível, não por conta do governo, mas da própria sociedade.

Valor: *O senhor vê o risco de uma explosão de insatisfação popular?*

Leite: Se não houver resposta de resultados, de entregas na economia... Isto tensiona, evidentemente. Pode redundar em novo ciclo de manifestações. Nosso trabalho é fazer a economia crescer, ou perdem todos. Na política, hoje, há sempre uma procura por um inimigo comum, por culpados. Como não temos um inimigo externo, a gente começa a procurar dentro da própria população, então a gente tem um problema a mais. Um dos grandes ativos do Brasil é a diversidade. A maior parte das empresas percebe a importância de ter equipes diversas, para não perder a percepção como um todo. O governo devia ter esta preocupação. Quando o PSDB perdeu eleições, ele errou ao querer aparentar ser o que não era, uma sigla de esquerda. Agora, não pode errar em se apresentar mais à direita do que é.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Bariátrica em cápsula seca a gordura, tira o inchaço e vira febre em Brasília
PHYTOPHEN CAPS

LINK PATROCINADO

Grelhe seus alimentos no fogão sem fumaça!
DESCONTALIA

LINK PATROCINADO

Quem é de Brasília conhece o empréstimo com garantia!
CREDITAS

LINK PATROCINADO

Poliglota de 22 anos ensina inglês em 8 semanas e vira febre na internet
MÉTODO INGLÊS RÁPIDO